



---

## Inferno: religião, política e cidade no curta metragem de Yael Bartana

Fernando K. B. Oliveira, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
fernandokbraga00@gmail.com

Adriane Silvério Neto, Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil  
adrianesn@unipam.edu.br

Luis Eduardo dos S. Borda, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
dado@ufu.br

### **PALAVRAS-CHAVE:**

cidade; religião; política; videoarte; Yael Bartana.

### **RESUMO**

Este trabalho é uma leitura do curta metragem Inferno (2013), da artista israelense Yael Bartana. O curta instiga discussões sobre tolerância, cidade, religião e política. A análise recorre às contribuições teóricas de John Locke (Carta sobre a Tolerância), Michel Maffesoli (O Tempo das Tribos. O Declínio da Individualidade nas Sociedades de Massa) e de Maria das Dores C. Machado (Religião e política no Brasil contemporâneo: uma análise dos pentecostais e dos carismáticos católicos). A interpretação que se faz do vídeo associa o curta-metragem ao contexto político do Brasil de nossos dias e alimenta indagações sobre o convívio social dentro deste contexto. O estudo justifica-se pela necessidade premente de debate sobre o atual momento cultural brasileiro: o embate entre a ampliação dos direitos humanos, por um lado, e as posturas conservadoras de determinados grupos religiosos, por outro. O trabalho faz parte do processo de construção de uma dissertação de mestrado sobre semiótica e arquitetura religiosa, pesquisa em andamento no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia. Alia-se, dessa maneira, às discussões acerca da representação da cidade nos meios áudio visuais e às disputas políticas e religiosas no espaço urbano.

---

## Cidade enquanto signo

A cidade é plurissígnica. Sua leitura implica a adoção de critérios arbitrários de análise com os quais se possam construir discursos para o entendimento de sua dinâmica. Esse, por sua vez, é um processo metalinguístico: o signo urbano é decodificado e traduzido através da linguagem e dos meios de que nos apropriamos para representar a percepção que temos da cidade (FERRARA, 2007).

A constituição plurissígnica do espaço urbano é, por sua vez, índice do modo de organização da estrutura urbana e da ação dos que a produzem. Ler uma cidade ou um recorte urbano, deste modo, implica considerar, para além dos aspectos formais de seu ordenamento ou de suas construções, os ideais e as motivações de quem o produz ou dele se apropria.

Os meios e os modos de tradução de um signo podem evidenciar a intenção daquele que o decodifica: no que concerne ao espaço urbano, o leitor pode criticar, elogiar e até instigar a discussão sobre certos aspectos do que percebe. Isso ocorre através do destaque de certos elementos em detrimento de outros. Esses olhares particulares podem ser realizados através de textos, imagens, desenhos, falas, vídeos e até mesmo de apresentações híbridas, com múltiplos códigos de várias linguagens. É assim que a dinâmica *ad infinitum* de um signo (PEIRCE, 1977) em relação a outro pode ser entendida na cidade: o olhar sobre o signo depende do posicionamento lógico do leitor (ECO, 1972). Deste modo, as possibilidades são infinitas.

Neste sentido, podemos dizer que a presente leitura se remete a outro signo: a percepção que Yael Bartana expressa em seu curta-metragem *Inferno* (2013). A nosso ver, o vídeo de Bartana traduz sua leitura do espaço político da São Paulo atual e sua percepção de como a religião se imbrica neste espaço. Lançado em dezembro de 2013, o curta foi exibido em 2014 na 31ª Bienal de Arte de São Paulo. A obra sugere indagações que se inserem em debates contemporâneos sobre questões como intolerância, religião, política e cidade.

Dentre os diversos olhares e abordagens sobre o vídeo, a leitura proposta parte da inquietação frente ao preocupante momento político brasileiro: o embate entre a reivindicação de direitos e a afirmação de valores (diversidade sexual, feminismo, etc) por alguns grupos minoritários, por um lado, e as posturas conservadoras dos que defendem crenças, valores e posturas religiosas, por outro. Acredita-se que, através deste texto, possam surgir indagações que contribuam para as discussões que concernem às disputas pelo espaço urbano e ao direito de habitar e conviver na cidade.

Neste estudo, as análises do curta são alimentadas pela *Carta da Tolerância*, de John Locke (1632-1704), o livro *O Tempo da Tribos: o Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*, do sociólogo Michel Maffesoli e o artigo *Religião e política no Brasil contemporâneo: uma análise dos pentecostais e dos carismáticos católicos*, de Maria das Dores C. Machado. Suas discussões centram-se na construção do estado moderno e secular (Locke, 1632-1704), nas formas grupais da sociedade pós-moderna (Maffesoli) e no relacionamento entre política e religião no Brasil contemporâneo (Machado). Parte-se da hipótese de que os três textos possam auxiliar na

construção de um contexto lógico para a fundamentação dos questionamentos que se pretende apresentar a partir da leitura do curta-metragem.

A discussão se insere no tema *Arquitetura e Audiovisual: a disputa pelo Espaço nas Telas, do III Colóquio Internacional - Imaginário: Construir e Habitar a Terra* (III ICHT 2019). Justifica-se em função de abordar um vídeo que é signo das disputas sociais e políticas que se travam no espaço da cidade.

O trabalho é parte das discussões realizadas no processo de construção de uma dissertação de mestrado sobre semiótica e arquitetura religiosa, pesquisa que se dá vinculada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia (PP-GAU-UFU). Nela investiga-se a arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer através de um enfoque que a trata enquanto signo. O instrumental semiótico, nesse sentido, serve de auxílio à compreensão das possibilidades interpretativas da arquitetura: no que diz respeito à sua forma, ao seu relacionamento com o espaço urbano, e aos movimentos culturais que ali se estabelecem.

## Inferno: a videoarte de Yael Bartana

Yael Bartana (1970) é uma artista israelense que explora questões como identidade, política e memória através de fotografias, curtas-metragens e instalações. Seu trabalho destaca-se por requisitar o imaginário do leitor. As forças que conferem significado às suas obras emergem do invisível que as constitui (FURTADO, 2008). Sob esses aspectos, então, a artista explora as potencialidades do signo não verbal, bem como as tensões que decorrem entre as produções e os discursos sobre elas.

Obra de ficção, o curta-metragem *Inferno* (2013) contém aproximadamente 22 minutos e narra o ataque a um templo. O edifício mantém similaridade com o Templo de Salomão, erigido em 2014 na cidade de São Paulo<sup>1</sup>. A narrativa é organizada em sequências de imagens. A primeira delas mostra uma celebração religiosa no edifício: apresenta o movimento dos fiéis e seu direcionamento ao espaço de adoração. Na segunda sequência são apresentados rituais de oração e devoção. Após isso, vêem-se o bombardeio do Templo, o desespero e a morte de vários fiéis. O que resta da construção, então, é apenas uma grande parede, que se transforma numa espécie de “muro das lamentações”. As últimas cenas são marcadas pelo (re)começo das adorações; os novos devotos são vistos a orar junto ao muro; vêem-se também vendedores ambulantes, comerciantes de relíquias sagradas, curiosos, visitantes, e um ator que personifica Cristo e tira *selfies* com os turistas.

O texto explicativo, e que é editado pela 31ª Bienal de Arte de São Paulo (2014), aponta que os atos e acontecimentos apresentados no vídeo são uma referência à construção e destruição do Templo

<sup>1</sup> O Templo de Salomão é um grande edifício concluído em 2014 pela Igreja Universal do Reino de Deus. Obra coordenada pelo Bispo Edir Macedo, o templo ocupa quase um quarteirão do Bairro Belém, em São Paulo. A ideia foi construir uma espécie de “réplica” do Templo do Rei Salomão; para isso, importaram-se pedras de Israel. (TEMPLO DE SALOMÃO, 2018).



do Rei Salomão, em Jerusalém (Israel, 564 a.C a 64 d.C). Contudo, uma vez que o edifício se erige em São Paulo e que guarda similaridade com o Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus, adquire determinados significados vinculados ao contexto cultural brasileiro.

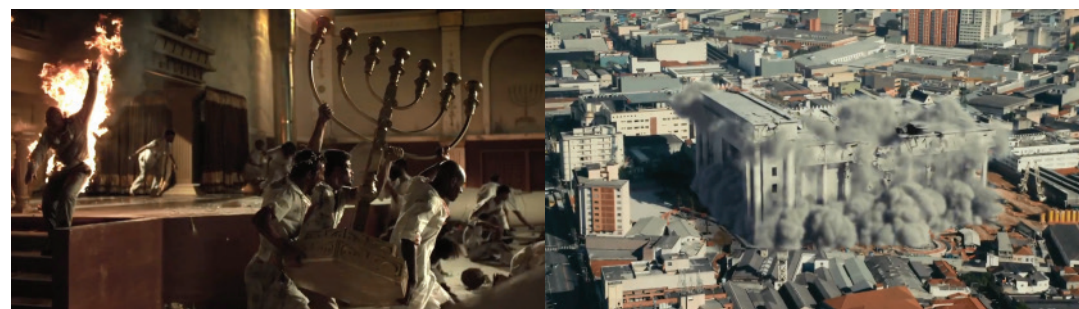
A ficção é clara em abordar aspectos que caracterizam uma sociedade policultural. O curta mostra a devoção dos fiéis que, em suas vestes brancas e largas, vão ao Templo levar flores e animais enquanto oferendas. Muitos dos devotos, inclusive o sacerdote, são figuras andróginas e usam maquiagens indianas e egípcias. São caracterizações, objetos cenográficos e movimentos ritualísticos que, no vídeo, funcionam como elementos simbólicos e culturalmente híbridos; representam os valores da sociedade ficcional construída por Yael Bartana. Trata-se de um grupo religioso, a propósito, que é similar às varias sociedades “tribais” que se movimentam no espaço urbano contemporâneo. Sua presença, ideias e ações põem em questão, por outro lado, debates a que podem ser relacionados temas como religião, diversidade, tolerância/intolerância, intenções políticas e valores culturais.



Figuras 1 e 2: Movimento dos fiéis e seu direcionamento ao templo. Fonte: Inferno, 2013.



Figuras 3 e 4: Rituais de oração e devoção no templo. Fonte: Inferno, 2013.



Figuras 5 e 6: Destruição do templo e desespero dos fiéis. Fonte: Inferno, 2013.



Figuras 5 e 6: O “muro das lamentações” e o recomeço das adorações. Fonte: Inferno, 2013.

*Inferno* (2013) também coloca em questão a presença do signo visível (e físico) que é o próprio espaço construído. Põe em debate, portanto, as relações entre o Templo e a cidade<sup>2</sup>. Questões como a monumentalidade, a escala, o equilíbrio, a simetria e o contraste entre o templo e o seu entorno (proeminência e dimensão do edifício) sugerem intenções de poder. Essas estratégias, aliás, têm sido utilizadas desde a antiguidade: a implantação do Parthenon em Atenas, a relação da Catedral de Santa Maria Del Fiore com Florença, as intervenções promovidas pelos papas na cidade de Roma durante os séculos XV e XVI no sentido de destacar as igrejas no espaço urbano, e o caráter proeminente e força imagética das igrejas católicas barrocas (ARGAN, 2004). Elas servem para deixar claros os discursos de supremacia da instância religiosa no espaço urbano. Yael Bartana parece atentar para este fato. A artista produz enquadramentos que exploram a relação de escala do Templo com a cidade e com os devotos.



Figuras 7 e 8: A escala do edifício em relação à cidade e aos devotos. Fonte: Inferno, 2013.

Outro aspecto é a abordagem do espaço enquanto “lugar de memória”. Isto é: desde que a devoção junto ao “muro” também é rememoração - ou a atualização - da lembrança de um trauma social (a destruição do templo), o vídeo é instigante no sentido de promover discussões sobre os significados que adquirem os lugares a partir de sua apropriação e investimento simbólico por parte dos grupos sociais<sup>3</sup>.

Por fim, o curta permite indagações sobre questões relacionadas à discussão política e social sobre tolerância/intolerância no Brasil. Isso porque a destruição do Templo aponta para os en-

<sup>2</sup> Sobre a relação entre igreja e cidade, são interessantes as análises do crítico de arte Giulio Carlo Argan (2004) sobre o sentido simbólico dos templos durante o período Barroco. Em seu trabalho, são esclarecedoras as colocações sobre a relação persuasiva entre os conteúdos formais e estratégias de implantação das igrejas no espaço urbano e a sociedade.

<sup>3</sup> A propósito, Teixeira C. Netto (1979) discorre sobre processos de semantização, suprasemantização e ressemantização dos espaços a partir de discursos ou práticas no tempo, em um movimento *ad infinitum*.

frentamentos que dividem os grupos sociais e os posicionamentos ideológicos no espaço político, bem como dos reflexos disso no espaço urbano.

### A construção de uma leitura

A leitura do signo não verbal implica a adoção de uma dominante (FERRARA, 2007). Como as associações de um signo com seus possíveis objetos podem ser múltiplas, tal interpretação organiza a tradução do signo não verbal em signo verbal. É o que propomos fazer aqui. Pressupomos que existe uma associação entre o curta-metragem e os embates ideológicos que se travam no atual contexto político brasileiro. Parte-se do entendimento de que essa associação toca questões como: 1. A dificuldade de entender as bases do Estado Moderno e a devida separação entre religião e política; 2. A tendência contemporânea de formação de grupos (tribos) baseados em relações afetuais mais do que em pautas políticas; 3. O surgimento no Brasil de grupos religiosos que tendem a dominar o espaço político e, dentro disso, impor seus valores ao resto do corpo social. Entendendo que estas eram as principais questões que visualizávamos no vídeo, recorreremos então às contribuições teóricas de John Locke, Michel Maffesoli e de Maria das Dores C. Machado.

### A tolerância no Estado Moderno

O célebre conjunto de textos que inclui a *Carta sobre a tolerância*, do pensador inglês John Locke (1632-1704), aponta argumentos que defendem a ideia do funcionamento independente entre o Estado e a Igreja. Considerado um dos pilares do conceito de Estado Moderno, também discute a necessária tolerância que se requer entre grupos que se enfrentam na arena social e política.

No texto, redigido no século XVII, o autor se posiciona contra interferências da ideologia religiosa no espaço político, e vice-versa. Essa postura é fundamentada sobre três argumentos principais: primeiro, o de que não há documentos que comprovem a delegação de autoridade divina a pessoas ou representantes específicos; segundo, que os modos de ação da Igreja e do Estado são diferentes (enquanto a Igreja age através da persuasão, o Estado se posiciona por coerção); e, por último, que a noção de Deus está acima da simples noção de lei.

Para Locke (1983) o Estado possui obrigação de estabelecer meios legais de proteção dos direitos e dos bens dos cidadãos. A Igreja, por sua vez, é responsável pela regulação de condutas morais dentro de sua comunidade. Igreja e estado, portanto, possuem papéis diferentes. Além disso, a formação dos grupos religiosos, bem como sua sujeição aos preceitos morais da religião à qual se filiam, estaria condicionada à adesão voluntária de seus membros. Nesse sentido, a imposição religiosa a pessoas que divergem daqueles credos não seria aceitável.

Baseado em tais raciocínios, Locke (1983) discorre sobre a *Lei da Tolerância*. Segundo Locke, a tolerância que se requer, no espaço social e político, implica o respeito mútuo entre as Igrejas e

sua não interferência no Estado. Somente deste modo seria possível a garantia dos direitos civis e da propriedade. (Locke cita o exemplo de perseguições religiosas que implicaram na prisão e na apropriação de bens acusados). Dentro desta visão, portanto, o Estado assumiria um caráter laico e a Igreja não se envolveria com questões políticas.

### O tempo das tribos

O livro *O Tempo das Tribos. O Declínio da Individualidade nas Sociedades de Massa*, do sociólogo Michel Maffesoli (1998), discute o tribalismo na sociedade contemporânea; ou seja, a formação das “tribos”. No texto, o autor chama a atenção para o constante decréscimo das associações formadas a partir de reivindicações sociais e políticas. Contrariamente a isso, vê surgir um número cada vez maior de agrupamentos contemporâneos do tipo tribal. São agremiações afetuais, onde predomina a empatia entre os membros do mesmo grupo. Tal empatia, por sua vez, garantiria a sua unidade, ainda que provisória.

Em oposição às características da sociedade moderna, Maffesoli (1998) afirma que na contemporaneidade existe a substituição de um pensamento social racionalizado pela *socialidade*, ou seja, por uma nova estrutura de massas construída a partir de agrupamentos empáticos: as “tribos”. Nelas, há a busca de traços identitários e a construção de senhas de pertencimento (valores, comportamentos, atitudes, etc). Trata-se de algo bastante diverso dos movimentos sociais surgidos no início do século XX e que, construídos a partir da reivindicação de pautas políticas, implicavam o respeito e o reconhecimento dos valores individuais dos que se envolviam nas lutas reivindicatórias.

Considera Maffesoli que o “tribalismo” na contemporaneidade se associa à ideia de policulturalismo (MAFFESOLI, 1998). E observa também que, como a organização dos grupos tribais é de adesão voluntária e requisita certa empatia entre seus membros, ao longo do tempo esses agrupamentos sofrem mudanças. Isso acontece na medida em que valores, costumes e posicionamentos são revistos pelo indivíduos e pela própria tribo. Por fim, afirma que, sob uma ótica ampla da sociedade contemporânea, os movimentos entre/intra tribos são traços de uma cultura que se estabelece no espaço urbano.

Maffesoli (1998) também identifica as agregações religiosas como inseridas na mesma lógica e dinâmica das “tribos”. Segundo o autor, o modelo religioso costuma dividir-se entre o *tipo-seita* e do *tipo-igreja*. São agrupamentos que, em seu desenvolvimento, tendem à institucionalização. Partindo de um olhar recortado sobre o mundo, os grupos assumem pontos de vista totalitários na medida em que constroem seu posicionamento ideológico. Quando isso acontece, a separação política intra-grupo perde o sentido; os valores da tribo afirmam-se sobre os Individuais (opiniões políticas divergentes, etc) e a empatia intra-grupo desenvolve, uma espécie de “sensibilidade coletiva” em relação ao mundo (eles versus nós). Todos os aspectos da vida passam, deste modo, a serem lidos a partir dos valores, ideais, posturas e comportamentos da tribo.



## Religião e política no Brasil

O texto *Religião e Política no Brasil Contemporâneo: uma Análise dos Pentecostais e dos Carismáticos Católicos*, de Machado (2015), discorre sobre a participação de representantes de grupos carismáticos católicos e pentecostais nas agremiações políticas brasileiras. O seu objetivo é identificar os discursos predominantes nas bancadas e assembleias legislativas por parte dos “delegados” da Igreja.

Machado (2015) sinaliza para o crescimento recorrente do número de representantes religiosos em cargos políticos no Brasil e, dentro desse contexto, para a defesa de determinados valores religiosos frente às reivindicações de revisão e ampliação de direitos por grupos feministas, pró-aborto, LGBT's<sup>4</sup>, etc. Segundo a autora, esse aumento da ocupação de cargos políticos por representantes religiosos tem relação com três fatores: a redemocratização brasileira no fim do século XX; a situação negativa da cultura política no Brasil; e os interesses de defesa dos princípios morais cristãos frente ao avanço da mobilidade política das “minorias”.

Dentre as pautas dos representantes políticos pentecostais estão: a ampliação da representatividade da segunda maior sociedade religiosa do país e a oposição a aspectos da reforma no ensino escolar. Os posicionamentos políticos dos carismáticos católicos, por sua vez, pretendem aumentar o poder político da igreja como forma de intervenção dos representantes de Deus na organização e conduta social (MACHADO, 2015).

Machado (2015) observa que certas reivindicações destes dois grupos religiosos são fortalecidas por sua associação frente ao desenvolvimento de políticas que, sob a sua ótica, contrariam preceitos e condutas cristãs. O resultado é a discriminação social, o preconceito, o desrespeito à opinião, o autoritarismo e a reação contra as reivindicações sociais as mais diversas, como as que pautam os grupos feministas, os que defendem a diversidade sexual, etc. Essas posturas conservadoras, por sua vez, são justificadas com argumentos que se inscrevem na defesa da moralidade sexual e na conservação da família tradicional cristã.

### **Inferno: religião, política e cidade. Uma possível leitura.**

A nosso ver, os significados do curta *Inferno*, de Yael Bartana, emergem das tensões que culminam com o ataque ao Templo. Como o prédio apresentado no vídeo tem flagrante similaridade com o Templo de Salomão (erigido em São Paulo por uma denominação evangélica), a situação é trazida para o Brasil. De qualquer modo, considerando que a artista é israelense e que as ruínas do Templo também lembram o Muro das Lamentações, em Jerusalém, talvez se possa dizer que o vídeo adquire uma abrangência maior que o estrito espaço brasileiro.

Na construção do vídeo, Yael Bartana se apropria de elementos simbólicos híbridos para criar seus personagens fictícios. As caracterizações, os objetos cenográficos e os movimentos ritualísti-

cos são apropriações de comportamentos, signos e “senhas” de diversas “tribos” contemporâneas. Um dos personagens que reza junto ao muro, por exemplo, traz tatuagens pelo corpo (como se tem visto cada vez mais hoje em dia), mas também porta um quipá, uma espécie de boina judaica que indica temor a Deus. Contrariando o esperado, o sacerdote é uma figura andrógena e parece mais próximo daqueles que reivindicam liberdade de gênero do que daqueles que assumem posturas religiosas conservadoras. Bartana embaralha os grupos, portanto.

A artista também não nos esclarece sobre os valores da seita em questão. Tampouco explica o motivo porque foi atacada. Seria tal seita uma agremiação pacífica e tolerante? Por que teria sido atacada? Defenderia valores não aceitos por outros grupos? Seus valores e comportamento colocariam em risco o *status quo*? Ou seja, o modo de vida e os valores da seita seriam uma ameaça aos poderes instituídos?

Seja o que for, o ataque à seita coloca inevitavelmente em questão o problema da intolerância entre os grupos.

A relação do Templo com o espaço urbano também é signo, do mesmo modo que a escala do edifício, sua monumentalidade e sua proeminência no espaço da cidade. Mas signo de que? Tal monumentalidade seria índice de sua origem “divina”? Tal origem, por sua vez, justificaria a pretensão de que os valores ali cultivados se impusessem no espaço social? Ou seja: o Templo reivindicaria a adoração e o reconhecimento de todos. O espaço deixaria de ser laico, neste caso, implicando o desejo de uma unidade social comandada por Deus. Os sacerdotes seriam os porta-vozes do divino e zelariam pelos valores sagrados, a serem transmitidos a todos.

Mas outras questões também são introduzidas. Anos depois do bombardeio do edifício, o recomeço das adorações sobre as ruínas do Templo indica um modo diverso de apropriação do espaço. Para além dos rituais de adoração, são percebidos movimentos de comércio, exploração turística e até mesmo certa banalização da devoção. Junto à enorme parede que sobrou, e que evoca o Muro das Lamentações, em Jerusalém, camelôs passam a vender tanto imagens religiosas quanto objetos não religiosos e vulgares. E um homem parecido com Jesus pousa para “selfies” com os devotos, visitantes e curiosos. O espaço é ressignificado e passa a funcionar não apenas como lugar de memória e devoção, mas também como lugar de consumo.

Bartana deixa em aberto as possibilidades de leitura do vídeo. De qualquer modo, as questões estão lá colocadas. Articuladas ao contexto brasileiro (o edifício é similar ao Templo de Salomão e à sua situação urbana em São Paulo), as imagens parecem deixar algumas indagações sobre o atual cenário político brasileiro: na dificuldade de assimilar e compreender os novos valores comportamentais que têm surgido na contemporaneidade, estarão determinados grupos assumindo uma posição que, em seu conservadorismo, gera posturas intolerantes e autoritárias? A falta de entendimento e clareza acerca dos limites entre Estado e Igreja estaria levando à imposição de valores (morais, religiosos, etc) que são defendidos apenas por determinadas associações religiosas? Estaria havendo o esquecimento ou a desinformação de que, fundado sobre bases laicas, cabe ao Estado tão somente defender a liberdade de comportamento ou até

4 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

mesmo a profissão de fé da sociedade? A tentativa de construir um “paraíso” onde todos são “irmãos” e partilham os mesmos valores (religiosos) estaria levando ao “inferno” da intolerância e da falta de respeito mútuo? Por fim, a Utopia moderna de uma cidade e de um espaço público de respeito e convívio pacífico estaria sendo substituída pela inquietante e perturbadora visão de uma sociedade antimoderna e fratricida?

Eis alguns questionamentos que, construídos a partir da leitura de *Inferno*, podem constituir, a nosso ver, um debate sobre a produção do espaço urbano brasileiro no contexto de sua atual situação social, política e cultural.

## Referências<sup>5</sup>

31ª Bienal de arte de São Paulo [online]. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014. Apresenta as obras expostas na 31ª Bienal de arte de São Paulo. [acesso em 23 de outubro de 2018]. Disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/>>.

ARGAN, Giulio Carlo. *El concepto del espacio desde el barroco a nuestros días*. Buenos Aires: Ed. Nova Visión, 1973.

ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e Persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

FURTADO, Beatriz. *Imagens em risco, a experiência na obra de Yael Bartana*. Doc On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário, agosto, 2008, nº 4, p. 123-133. [acesso em 24 de outubro de 2018]. Disponível em: <<http://doc.ubi.pt/index04.html>>.

GUTIERREZ, Carlos. *Visita ao centro cultural Jerusalém*. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP - Ponto Urbe, 2011, nº 9. [acesso em 05 de novembro de 2018]. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/339>>.

HALL, Edward. *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

*Inferno*. Direção e produção de Yael Bartana. 2013. New York, Amsterdam, Tel Aviv: Studio Yael Bartana, Petzel Gallery, Annet Gelink Gallery, Sommer Contemporary Art, 2013. Curta metragem (22min), sonoro, colorido [online]. [acesso em 23 de outubro de 2018]. Disponível em: <<http://yaelbartana.com/project/trembling-time-2001-1>>.

KNOTT, Kim, KRECH, Volkhard, MEYER, Birgit. *Iconic Religion in Urban Space*. Material Religion, junho, 2016, vol. 12, nº 2, p. 123-136. [acesso em 24 de outubro de 2018]. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17432200.2016.1172759>>.

LOCKE, John. *Carta sobre a tolerância*. Tradução de Anoar Aiex. Coleção Os Pensadores. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MACHADO, Maria das Dores C. *Religião e política no Brasil contemporâneo: uma análise dos pentecostais e dos carismáticos católicos*. Revista Religião & Sociedade, dezembro 2015, vol. 35, nº 2, p. 45-72. [acesso em 23 de outubro de 2018]. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872015v35n2cap02>>.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

NETTO, J. Teixeira Coelho. *A construção do sentido na arquitetura*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1977.

Templo de Salomão [online]. São Paulo: Igreja Universal do Reino de Deus, 2018. Website institucional do Templo de Salomão. [acesso em 23 de outubro de 2018]. Disponível em: <<https://sites.universal.org/templodesalomao/>>.

Yael Bartana [online]. Yael Bartana, 2017. Website da artista Yael Bartana, apresenta seus projetos, biografia, publicações e textos. [acesso em 23 de outubro de 2018]. Disponível em: <<http://yaelbartana.com/>>.